

DISCURSO PEDAGÓGICO E ENSINO DA ESCRITA

Urçula Regina Vieira Fernandes¹

Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas
urcularegina@yahoo.com.br

RESUMO

É muito instigante o trabalho que o professor realiza para que o aluno consiga produzir textos. A redação, como produto deste trabalho, reflete a forma como os sujeitos participantes se inscrevem no espaço escolar: o professor, como sujeito legitimado a cumprir um programa determinado pelo sistema de ensino; o aluno, como o sujeito que se encontra na condição de aprender o que não sabe (no caso, a escrita) e a redação, como produto de uma prática cuja avaliação legitimará sua estrutura de acordo com os modelos propostos em sala de aula. O que observamos, no entanto, é que este produto chamado de redação apresenta-se recortado pelo discurso da oralidade, visto que esta é a forma mais elementar da relação entre o aluno e a língua, ou seja, se o aluno não consegue escrever com coerência e coesão é porque a metodologia adotada pelo professor impede que ele se filie na posição de sujeito-autor, reduzindo sua redação a uma mera reprodução dos modelos propostos, impedindo-a também de se inscrever no discurso da escrita.

Palavras-chave: discurso; ensino; professor; aluno.

ABSTRACT

It is very instigating the work that the teacher held for his students to produce texts. The composition, as a product of this work, reflects the way as the subject participants fall themselves into the space of school: the teacher, as a legitimated subject to execute an specific program of teaching determined by the educational system; the student, as the person that find himself in the condition of learning what do not know (in this case, writing) and the writing, as a product of a practice whose assessment will legitimate its structure according to the models proposed in the classroom. What we found, however, is that this product called drafting it is clipped by the oral discourse, as it is the more elementary form of relationship between the student and the language, so, if the student is unable to write with consistency and cohesion is because the methodology adopted, by the teacher, stops that he joins in the position of the subject-author, reducing his writing to a mere reproduction of the proposed models, stopping of applying in the writing discourse too.

Key words: discourse; teaching; teacher; student.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Professora titular do Centro Federal de Educação Federal do Amazonas (CEFET-AM).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma inquietação, resultante da forma como os alunos se apresentam (ou se mostram) diante do ato de escrever. Resolvemos, assim, observar atentamente todos os envolvidos no processo que leva o aluno a produzir escrita, quais sejam: o sistema educacional, o programa da disciplina, o conteúdo selecionado, a metodologia adotada, o professor e o aluno.

Procurando respostas para esta inquietação, recorreremos às reflexões sobre o papel da escola e, por conseguinte, o papel do professor e do aluno, à luz da Análise do Discurso, porque esta linha teórica analisa as formações imaginárias em que o professor e o aluno se posicionam no espaço histórico denominado escola. Configurado como o espaço que está a serviço da reprodução ideológica do estado, a escola se alinha ao discurso autoritário que, mesmo dando a impressão de práticas democráticas, subordina o professor a conteúdos, programas, calendários, etc., garantindo assim o tipo de conhecimento a ser repassado. Esta prática ideológica se realiza por meio das formações imaginárias em que aluno e professor se investem: o professor atua como aquele que sabe tudo e o aluno, como aquele que nada sabe.

Nesta configuração, ensinar a escrita passou a ser um desafio, pois na maioria das vezes, tanto ao professor quanto ao aluno não é permitida a prática da autoria, restando àquele ensinar a escrita através dos modelos propostos pelos manuais de redação e a este, reproduzir tais modelos, garantindo seu êxito pela avaliação do certo e do errado, bem como seu percurso nas séries seguintes.

Acreditamos também que a metodologia é outro fator de reprodução da escrita: já que o professor deve obedecer à imposição do sistema, a forma como ele irá repassar o aprendizado da escrita, faz com que o aluno recorra à forma da língua que possui maior domínio, a oralidade. Escrevendo como fala, o aluno não consegue os efeitos de coesão, coerência e unidade, próprios da escrita; ao contrário, seu texto apresentará

pontos de fuga de sentido, produzindo o efeito de dispersão, tal como a oralidade.

Deste modo, a escola confirma o seu papel de reproduzir um saber pré-determinado ideologicamente, através do papel do professor, e o aluno garantirá seu saber se reproduzir aos modelos propostos pelos manuais de redação. Tal saber será legitimado pela avaliação do certo e do errado. E assim o discurso autoritário perpetua a escola como um aparelho ideológico por excelência.

1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ESCOLARES

A situação real e prática do discurso é o que denominamos de Condições de Produção. Nesta situação, estão presentes todos os elementos necessários para sua realização: os interlocutores (professor e aluno), o lugar (CEFET) e o momento (o ano escolar). Nesta prática, os interlocutores antecipam seus lugares e criam estratégias de discurso. Assim, antecipando a imagem que temos do sujeito-aluno, criamos estratégias de discurso que, por sua vez, marcam o lugar do sujeito-professor. Estas estratégias são as seguintes:

- Estabelecer o conteúdo programático;
- Preparar planos de aula;
- Estabelecer a metodologia;
- Aplicar o conteúdo programático;
- Avaliação.

Para este trabalho, interessa-nos somente o conteúdo e a metodologia, por isso vamos concentrar nossas descrições nestes itens. O corpus de análise foi extraído de redações escolares, elaboradas por alunos do 3º ano do CEFET, tendo em vista que, nesta série, está concentrado o conteúdo programático intitulado Técnicas de Redação, disposto da seguinte forma:

- I- Estrutura do parágrafo padrão:**
 - Delimitação
 - Objetivos
 - Frase-núcleo
- II- Objetivo específico:**

Sistematizar a produção de mensagens escritas.
- III- Procedimentos de ensino:**

Aulas expositivas; leitura orientada; discussão dirigida; exercícios escritos; seminários.
- IV- Avaliação:**

Participação dos alunos nas atividades programadas; avaliação dos trabalhos individuais; provas subjetivas e objetivas.

Este plano foi trabalhado por nós, ao mesmo tempo em que desenvolvíamos a pesquisa. Nossa posição foi de aliança ao sistema de ensino, face a sua imposição. Incluímos, ainda, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, já que se trabalhássemos da forma como foi proposto, comprometeríamos a noção de forma escrita.

Os alunos realizaram diversas atividades: um texto lhes era apresentado para que identificassem os elementos de uma redação; depois estes textos eram debatidos e, por fim, apresentados em forma de temas, das mais variadas formas: textos, gravuras, frases isoladas e até temas de livre escolha dos alunos.

A apresentação de textos aos alunos é um procedimento que muitos professores adotam para o ensino da escrita. E aqui não estamos considerando o processo de alfabetização, que é um dos primeiros contatos do indivíduo com a escrita na escola, mas tão somente o processo de textualização, num grau de escolaridade quando se supõe que o aluno já possui um bom domínio da escrita.

O posicionamento que adotamos em sala foi de apresentar um modelo de escrita já pronto,

pois não foi dada a liberdade de os alunos escolherem os textos a serem debatidos. Resolvemos aplicar esta metodologia a turmas diferentes, com o objetivo de observarmos o comportamento de cada turma.

Os textos e as gravuras abordavam temas polêmicos. As situações reais estimularam os debates, durante os quais observamos desde relatos pessoais até posicionamentos críticos diante das questões sociais e políticas.

Dentre os alunos, um pequeno grupo se negou a escrever sobre os textos e as gravuras propostas; assim, ficaram livres para escolherem um assunto de sua preferência. Observamos, neste pequeno, grupo uma resistência aos temas propostos com os quais pareciam não se identificar.

São atitudes como esta que tornam a escola uma instituição com discurso autoritário (Orlandi, 1996). No entanto, ela permite ao aluno tomadas de posição que se alinham de outras formas: se a metodologia adotada foi análoga ao discurso autoritário, poderia ser também o oposto. Neste caso, a metodologia adotaria o discurso polêmico, cujo resultado poderia ser satisfatório ou não. No entanto, experiências com publicação dos alunos já mostraram que a escola pode interpelar o aluno pelo Discurso da Escrita (Construtivismo e Gallo, 1992).

2. O PAPEL IDEOLÓGICO DA ESCOLA E O TRABALHO DA ESCRITA

Escolhemos a Análise do Discurso para a análise deste trabalho porque articula três áreas do conhecimento:

- 1- O materialismo histórico, como mo teoria das formações sociais e de suas transformações, compre- endida aí a teoria das ideologias;
- 2- A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- 3- A teoria do discurso, como teoria das determinações históricas dos processos semânticos (Gadet e Hak apud Pêcheux e Fucs. 1990, p. 163)

Estas três áreas do conhecimento serviram de parâmetros para o nosso percurso, correlacionadas sempre com o pensamento de Pêcheux, para quem Althusser, Foucault e Saussure também são referências.

Nesta perspectiva, a ideologia é concebida como a organização do estado de classes, através dos aparelhos. Em última instância o estado é um aparelho ideológico que representa o poder da classe dominante. Para Athusser (1985), o estado está organizado em Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Aparelhos Repressores de Estado (ARE): no primeiro a dominação do estado se faz pela inculcação e, no segundo, pela força. A escola é um aparelho ideológico por excelência. Deste modo, Orlandi (1996), citando Bourdier, traduz muito bem seu papel:

(...) é a sede da reprodução cultural e o sistema de ensino é a solução mais dissimulada para o problema da transmissão de poder, pois contribui para a reprodução da estrutura das relações de classe, dissimulando, sob a aparência da neutralidade, o cumprimento dessa função (p.22)

A idéia central do trabalho de Athusser (1985) é estabelecer a diferença entre sujeito e indivíduo. Os aparelhos funcionam naturalmente, mas quando o indivíduo se identifica no interior de um deles, aí sim passa a ser interpelado como sujeito:

(...) o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto, (livremente) sua submissão, para que ele realize “por si mesmo” os gestos e atos de sua submissão. Os sujeitos se constituem pela sua sujeição (p.104)

Sob esta perspectiva, a voz e os atos do sujeito são determinados previamente, por isso a nossa atitude diante de um plano de ensino traçado sob as ordens do sistema para interpelar a nossa prática pedagógica em relação ao ensino da escrita.

A subjetividade do sujeito é determinada sob a forma de pré-construído, ou seja, é a organização do “mundo das coisas” que lhe dá voz, mas não sua consciência e vontade. Assim, o sujeito ingressa livremente na escola, escolhe ou muda de religião, constrói uma família, escolhe um trabalho, etc. parecendo ser fruto de sua vontade. O pré-construído, por sua vez, está materialmente determinado pelo interdiscurso, pois as formações discursivas e os seus respectivos discursos estão em constante relação. Deste modo, nada impede um aluno de falar no espaço pedagógico sobre família, religião, esporte, política, violência, pois todas estas formações dão suporte para sua fala; mas, ao falar, o aluno toma posição que pode estar configurada em relação de aliança, antagonismo ou sob dominação. Portanto, podemos falar em formação ideológica quando, na tomada de posição no interior de um aparelho, o sujeito justifica seus atos, atitudes e valores num dado momento histórico no qual está inserido.

Conforme o método que adotamos, os alunos reproduzem a escrita e não a produzem. Assim, vamos ver as tomadas de posição ideológica que constituem esta reprodução. Para termos uma noção prática do papel da ideologia na tomada de posição dos sujeitos na escola, e suas respectivas formações imaginárias, Orlandi (1996, p.16) propõe o seguinte percurso:

QUEM - imagem do professor

ENSINA - inculca

O QUE - a escrita

PRA QUEM - imagem do aluno

Ressaltamos que não acrescentamos a escola neste percurso porque estaríamos generalizando a atitude dos professores. Segundo a autora acima cita, este percurso se

refere ao sistema de ensino que por si só é autoritário. Tomamos emprestado este percurso para demonstrar o nosso posicionamento em relação ao ensino da escrita. Em última instância, de acordo com estas posições, o aluno aprende a escrita através da voz do professor. Ora, o professor não é produtor de escrita (autor) e como tal ele será apenas um representante legítimo do que o sistema de ensino instituiu como ensinar à escrita, ou seja, será um reproduzidor, e o conteúdo programático, através do plano de ensino, determinará seus procedimentos e atos. Assim, o professor se utiliza de manuais de redação, da gramática e dos livros didáticos, apenas como modelos. Os alunos que se enquadram nestes modelos estarão, assim, interpelados pelo discurso da escrita e, legitimamente, a avaliação do certo e do errado o reconhecerá com autor. Deste modo a escola atinge seu objetivo: reproduzir escrita, já que os meios de produção da escrita estão em um outro lugar, numa relação econômica mais direta, como a TV, os jornais, as revistas, as editoras, etc. que não é a escola.

Esta atitude do professor compromete a possibilidade de uma produção e de uma interpelação mais satisfatória, pois a imposição do discurso autoritário, além de selecionarem os alunos a galgarem classes superiores, reproduzirá também o grafismo que, neste trabalho, é considerado como a manifestação gráfica do discurso da oralidade.

3. O TEXTO COMO PRODUTO DISCURSIVO

Ao ensinar redação, obedecendo ao conteúdo programático imposto pelo sistema de ensino, ao adotar os manuais de redação ou as gramáticas, reduzimos o ensino da escrita pela escrita. Para Saussure (1995)

A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui suas gramáticas seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua é regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso; a ortografia, e eis o que confere à escrita uma

importância primordial (...) (p.35)

Se os parâmetros da boa escrita estão nos clássicos literários, hoje em dia a escola trabalha com outras modalidades de escrita, como artigos de jornais e revistas, textos publicitários, músicas, etc., mas ainda é pelo texto que se aprende a escrever. Mas a função do texto vai além do objeto empírico com começo, meio e fim, o texto não é só a organização linguística de enunciados encerrados numa folha de papel, mas é, aliado a estas características, o enquadramento de sentidos, refletindo a posição de quem o produz. Aprender a escrever consiste em trocar experiências, chocar, conflitar discursos e produzir outros mais. Orlandi (1996) reflete sobre a função do texto

O texto, como objeto acabado, constitui uma totalidade com começo, meio e fim. A natureza de sua incompletude é outra. Ela deriva de sua relação com as condições de produção, ou seja, da relação com a situação e com os interlocutores.

O texto é incompleto porque o discurso instala o espaço da intersubjetividade, em que ele, texto, é tomado não enquanto fechado em si mesmo (produto finito) mas enquanto constituído pela relação de interação que, por sua vez, ele mesmo instala (p.195)

Orlandi estabelece a diferença entre o texto como objeto empírico e como produto discursivo: o primeiro, como forma, é produto da escrita, segundo métodos aplicados em sala de aula, que consiste em apresentar modelos e solicitar que os alunos produzam tal como o modelo proposto; o segundo é o resultado de um trabalho intertextual que é infinito, é incompleto, já que a matéria-prima deste produto está na relação que o aluno mantém com todos os discursos, sua experiência como sujeito participante da construção social, na medida em que cada aluno é um ser histórico. O seu texto aparece como a organização de vários outros textos.

Na realidade o único momento em que foi trabalhada a intertextualidade foi durante os debates, quando consideramos opiniões e expe-

riências individuais sobre os textos apresentados. A partir daí, voltamos ao formal, pois identificamos cada parte do texto lido com o conteúdo proposto e, daí, a produção de cada aluno, conforme este conteúdo. Esta atitude é uma imposição cujo resultado esperamos que seja de desencadear uma reação espontânea (e inconsciente) por parte dos alunos: eles irão recorrer à instância da língua com a qual possuem maior domínio: a oralidade. Escrevendo como falam, os alunos não produzirão nas redações os efeitos de sentidos próprios da escrita: coerência, coesão e unidade. Portanto, acreditamos que o sujeito da oralidade surge no resultado deste tipo de método, através da dispersão de sentido que é uma marca do sujeito da oralidade nas redações que, assim, não se tornam escrita, mas grafismos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto que a escola não pode realizar seu trabalho isoladamente, mas, ao contrário, sempre em função de uma demanda social, marcada pelas necessidades históricas, afirmar que esta instituição está a serviço de uma ideologia dominante e que, assim, assume o papel de aparelho ideológico do estado é entender o seu funcionamento com todos os infortúnios ou todo sucesso que possam ocorrer na sua prática.

A dificuldade que o aluno encontra em produzir textos depende da metodologia que o professor venha adotar no ensino da escrita, mas decorre também dos papéis assumidos por ambos neste processo de ensino, ou seja, se o professor encontra dificuldade em ensinar escrita é porque, na maioria das vezes, professor não é autor, então só lhe resta recorrer aos manuais de redação para lhe orientar. Por outro lado, aos alunos só restará reproduzir tais modelos. Deste modo, a redação apresentará falta de unidade, coesão e coerência porque a oralidade aí se apresentará, pois é desta forma que o aluno melhor se relaciona com a língua.

Mesmo que os alunos reproduzam a escrita, a escola já cumpre o seu papel ideológico

de repassar uma forma de ensino. Mas acreditamos que neste espaço pedagógico tanto o professor quanto o aluno poderão sim se alinhar ao discurso da escrita e assumirem a posição de autoria, ao adotarem práticas pedagógicas decorrentes de eventos promovidos pelo professor, através dos quais ambos possam experienciar o papel de autoria tal como a sociedade exige, pois muito mais que reproduzir um conhecimento, a escola é também um espaço de transformação social e histórica.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

2. GADET, Françoise e HAK, Tony. *Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 1990.

GALLO, Solange L. *Discurso da Escrita e ensino*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Texto: como apre(e)nder essa matéria?* Tese de Doutorado, inédita. Campinas. Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Discurso e Leitura*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

7. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. 20ª ed. São Paulo: Ed. Cutrix, 1995.